

OS DOIS PRIMEIROS COLÓQUIOS IBÉRICOS DE GEOGRAFIA
SALAMANCA (1979), LISBOA (1980)

O convívio científico entre geógrafos espanhóis e portugueses tem sido sempre, em geral, manifestamente reduzido. É certo que alguns casos concretos de frutuosa colaboração se podem apontar; sobressai porventura o empreendimento colectivo de uma geografia de Espanha e Portugal, dirigida por MANUEL DE TÈRAN, que se começou a publicar em 1952 e, embora incompleta, comporta um volume sobre Portugal (1955), da autoria de ORLANDO RIBEIRO, o qual constitui aliás obra suficientemente individualizada e autónoma. Outros exemplos mais haveria ainda a assinalar: mas, no conjunto, pouco representam em relação à actividade dos geógrafos peninsulares.

A influência da escola francesa, largamente predominante durante muito tempo, fez-se sentir tanto em espanhóis, como em portugueses, mas sem que deste facto resultasse em regra mais que a analogia de métodos na elaboração dos seus trabalhos e a da própria maneira de conceber o âmbito e os problemas básicos da Geografia. Do mesmo modo, a ampla difusão da obra dos geógrafos de expressão inglesa nos dois países, mais recentemente, embora com paralelismos na altura em que se desencadeou e nas consequências a que deu origem, não foi suficiente para provocar maiores contactos.

No entanto, se é certo que o problema da originalidade geográfica de Portugal preocupou outrora alguns estudiosos e continua por vezes a ser encarado, se não é menos verdade que a própria fronteira do país, «regular no traçado, grosseiramente paralela à linha de costa, desenha com esta um rectângulo alongado em sentido do meridiano, que constitui uma das figuras de Estado mais harmoniosas e mais simples» (O. RIBEIRO), as semelhanças entre as áreas que ficam dos dois lados dessa mesma fronteira têm sido também repetidamente sublinhadas. E a variedade regional da Espanha não dissimula, quando se observa qualquer mapa isolado deste país, o curioso aspecto de *puzzle* incompleto, a que faltaria um dos pedaços, aquele que corresponde a Portugal. Na verdade, a continuidade geográfica da Espanha e de Portugal, inseridos num quadro europeu bem individualizado — para além da real diversidade que evidencia —, a afinidade de muitos dos seus problemas, são factores inegáveis de aproximação dos geógrafos ibéricos, com vista ao debate comum e ao confronto de métodos e observações.

No fundo, tal como noutros domínios, também as limitações do desenvolvimento da ciência geográfica nos dois países acabaram por ligá-los preferencialmente a outros, mais avançados, dificultando assim as suas relações recíprocas.

Esta situação tem-se vindo felizmente a modificar no decurso dos últimos anos e disto resultou um contexto que tornou possível a realização dos dois

primeiros colóquios ibéricos de Geografia, em 1979 e 1980, com os quais, aliás, se procurou reforçá-lo. De referir ainda que os colóquios ibéricos acabaram por preceder a realização de encontros nacionais de geógrafos portugueses, apenas esboçada uma ou outra vez, apesar de há muito se ter desejado concretizá-la (em Espanha, tais encontros fazem-se com regularidade há vários anos e, precisamente em 1979, teve lugar o sexto, em Palma de Maiorca).

O principal animador do I Colóquio Ibérico de Geografia foi o professor ANGEL CABO ALONSO, da Universidade de Salamanca, que, depois de diversos contactos com geógrafos dos dois países, conseguiu remover todos os obstáculos à iniciativa e efectivá-la de 2 a 5 de Maio de 1979, naquela cidade, com a ajuda dos seus colaboradores, entre os quais foi secretário de organização JÚLIO VILLAR CASTRO.

Três secções principais (*ponencias*) preencheram o programa das sessões. Atendendo aos antecedentes que se apontaram, não admira que o tema da primeira se pudesse encerrar como uma sorte de balanço das actividades geográficas na Península, o que se coaduna com a fórmula «Perspectivas da Geografia em Portugal e na Espanha», inicialmente precisada através do subtítulo «Ensino, Investigação, Problemas Profissionais», que o esquema definitivo não reteve. As comunicações dos geógrafos portugueses foram as que mais se ajustaram a essa ideia de balanço, uma delas de índole geral (ILÍDIO DO AMARAL, «Notas Acerca do Ensino e da Investigação Científica em Geografia, em Portugal»), as outras duas, de âmbito mais restrito (SUZANNE DAVEAU, «Investigações de Climatologia no Centro de Estudos Geográficos de Lisboa»; JORGE GASPAS e ANTÓNIO GAMA MENDES, «Perspectivas da Geografia Humana em Portugal: Ensino, Investigação e Carreiras»). O problema da geografia aplicada na Espanha foi analisado por JOAQUÍN BOSQUE MAUREL («Posibilidades de Aplicación en España de la Geografía»), enquanto JÚLIO MUÑOZ JIMÉNEZ se debruçava sobre determinadas questões metodológicas («Paisaje-Vivencia y Paisaje-Objeto en los Planteamientos Integrados de Análisis Geográfico»).

As outras duas secções do Colóquio foram consagradas a aspectos do espaço rural e do espaço urbano da Península Ibérica. A segunda, «Estruturas Agrárias em Espanha e Portugal», compreendeu também três comunicações de geógrafos portugueses e duas de espanhóis, tendo os primeiros optado por uma caracterização genérica, à escala nacional (CARMINDA CAVACO, «Alguns aspectos das Estruturas Agrárias de Portugal Continental») e pela análise dos problemas de duas áreas restritas (CARLOS ALBERTO MEDEIROS, «As Estruturas Agrárias na Montanha do Norte da Beira»; ROSA FERNANDA MÓREIRA DA SILVA, «A Estrutura Agrária da Área das Doações: Subsídios para o Estudo da Geografia Agrária do Noroeste Português»). As comunicações espanholas insistiram em aspectos evolutivos, embora com diferente âmbito cronológico, no quadro de duas regiões (ANTÓNIO GIL OLCINA, «Evolución Comparada de la Propiedad Señorial en los Antigos Reinos de Sevilla y Valencia»; ANTONIO LÓPEZ ONTIVEROS, «Evolución de los Sistemas Agrarios en el Valle del Guadalquivir»).

Na terceira secção, «As Cidades Ibéricas e a sua Expansão», uma vez mais as comunicações portuguesas assumiram a feição de síntese das investigações já realizadas, distinguindo-se, ainda que sem limites rígidos e encaradas

com diferentes ópticas, as que estão ligadas à Universidade de Coimbra (JOSÉ MANUEL PEREIRA DE OLIVEIRA, «Evolução dos Estudos de Geografia Urbana em Portugal. Perspectivas Puras e Aplicadas») e à de Lisboa (JORGE GASPAS e JOÃO FERRÃO, «As Cidades Portuguesas e a Geografia Urbana na Universidade de Lisboa»). As duas comunicações espanholas foram, uma, de âmbito geral (M. FERRER REGALES e A. PRECEDO, «El Sistema Español de Asentamientos Urbanos») e outra, dedicada ao estudo dum caso específico (A. LÓPEZ GÓMEZ, «El Crecimiento de Madrid en los Últimos 50 Años»).

A lição de encerramento do Colóquio, a cargo de ORLANDO RIBEIRO, apresentou-se de certo modo enquadrada nesta terceira secção ou *ponencia*, a cuja discussão se seguiu: «La Ciudad Española y la Ciudad Portuguesa en la Península y en América».

Os relatores (*ponentes*) das três secções foram, respectivamente, J. VILÁ VALENTÍ, A. CABO ALONSO e J. GARCÍA FERNÁNDEZ. As suas exposições, que precederam a apresentação das comunicações de cada tema, tiveram um carácter de síntese: destinada a aproveitar, como em princípio se esperaria talvez, o contributo daquelas (VILÁ VALENTÍ); mais virada para a sistematização de ideias gerais relativas ao caso espanhol (GARCÍA FERNÁNDEZ); ou ainda dedicada a um assunto concreto, «Distribución de Sistemas de Cultivo en los Secanos Herbáceos Españoles» (CABO ALONSO).

Para além deste programa, que ocupou os dias 2, 4 e 5 de Maio, o Colóquio compreendeu a visita da cidade de Salamanca no fim da tarde de 2 e duas excursões que ocuparam todo o dia 3: visita da cidade de Ledesma e das barragens e centrais eléctricas de Almendra e Aldeadávila (área dos Arribes); mata da Honfria de Linares, Miranda del Castañar, La Alberca, Batuecas (Sierra de Salamanca).

Na sessão final, a que presidiu a Reitora da Universidade de Salamanca, assentou-se em prosseguir a realização dos colóquios, com ritmo bienal; mas, para que o segundo não coincidisse com o VII Colóquio Nacional de Geografia (Espanha), ele foi desde logo antecipado para 1980 e marcado para Lisboa, com a sua organização a cargo do Centro de Estudos Geográficos⁽¹⁾.

Previsto inicialmente para Abril, o II Colóquio Ibérico de Geografia acabou por se realizar entre 13 e 17 de Outubro. Como é natural, procurou-se modificar a sua fórmula em relação ao anterior, introduzindo um princípio de variedade que se afigura desejável nestas reuniões. A escolha dos temas contemplou o ensino, numa altura particularmente significativa em que, após 1974, se deram em Portugal profundas modificações no conteúdo e nos métodos, quer nos ramos básico e secundário, quer no universitário, bem como questões essencialmente metodológicas, concebidas a partir das relações da Geografia com as ciências vizinhas; neste campo, porém, para além dos aspectos pura-

(1) A Comissão Organizadora ficou constituída pelos directores das Linhas de Acção de domínios geográficos do Centro: ORLANDO RIBEIRO (Presidente), SUZANNE DAVEAU, ILÍDIO DO AMARAL, JORGE GASPAS e CARLOS ALBERTO MEDEIROS (Secretário). O Colóquio foi subsidiado pelo Instituto Nacional de Investigação Científica, pela Fundação Calouste Gulbenkian e pela Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, entidades às quais, em nome da Comissão Organizadora, renovo aqui os nossos melhores agradecimentos.

mente teóricos, admitiu-se a possibilidade de estudo de exemplos concretos (que viriam a ser expressamente analisados em muitas das comunicações) e abriu-se também uma divisão relativa ao pensamento geográfico. Os assuntos seleccionados ficaram assim repartidos por cinco secções, agrupadas em dois grandes conjuntos:

A — O Ensino da Geografia:

1. Ensino Básico e Secundário;
2. Ensino Superior.

B — A Geografia e as Outras Ciências: Aspectos Teóricos, Questões Metodológicas, Exemplos Concretos:

1. Geografia e Ciências da Natureza;
2. Geografia e Ciências Humanas e Sociais;
3. Pensamento Geográfico.

Decidiu-se ainda que, ao contrário do que acontecera em Salamanca, seria livre a apresentação de comunicações e as cinco secções funcionariam simultaneamente, organizando-se depois sessões plenárias que, no primeiro colóquio, tinham sido as únicas. Este carácter mais «aberto», bem como o período de tempo mais longo que decorreu entre a difusão da primeira circular (datada de Janeiro de 1980) e o começo dos trabalhos faziam prever uma participação muito maior, que efectivamente se concretizou. Para tal contribuiu, do mesmo modo, a raridade de reuniões deste tipo entre nós, a atrair largamente numerosos professores de Geografia do ensino secundário, para mais bem ligados a uma das secções previstas. Enquanto em Salamanca tinha havido 231 inscrições e estiveram presentes nas sessões do Colóquio 221 pessoas (180 da Espanha, 40 de Portugal e 1 do Perú), receberam-se em Lisboa 526 inscrições, das quais viriam a concretizar-se 446, cabendo 291 a Portugal, 154 à Espanha e 1 a Andorra (mais 1 da Alemanha Federal). Este elevado número de participantes e a organização das sessões do Colóquio, relativamente complexa, bem como a das outras actividades nele incluídas, exigiram um grande esforço do pessoal do Centro de Estudos Geográficos, não só do científico, mas também do técnico e administrativo, sendo de salientar aqueles que desde o início estiveram directamente ligados a estas tarefas.

Os trabalhos das cinco secções decorreram ao longo do dia 13 e na manhã de 14, depois de breve sessão de abertura⁽²⁾; compreenderam a apresentação das comunicações, debates e intervenções de índole variada dos seus coordenadores. Estes foram, para cada uma delas, um geógrafo espanhol e outro português: Ensino Básico e Secundário da Geografia, PEDRO PLANS e BERNARDO SERPA MARQUES; Ensino Superior da Geografia, JOAQUÍN BOSQUE MAUREL e

ILÍDIO DO AMARAL; Geografia e Ciências da Natureza, EDUARDO MARTÍNEZ DE PISÓN e SUZANNE DAVEAU; Geografia e Ciências Humanas e Sociais, ANGEL CABO ALONSO e JORGE GASPAS; Pensamento Geográfico, HORÁCIO CAPEL e ORLANDO RIBEIRO.

Ao longo da tarde do dia 14, foram organizadas oito excursões na área de Lisboa, com os seguintes temas e orientadores: núcleo antigo da cidade (ORLANDO RIBEIRO); aspectos da geomorfologia e da ocupação humana da área a norte de Lisboa (ANTÓNIO DE BRUM FERREIRA e CARLOS ALBERTO MEDEIROS); Costa do Estoril, desenvolvimento turístico e residencial (CARMINDA CAVACO); bairros clandestinos da periferia de Lisboa (TERESA BARATA SALGUEIRO); o crescimento de Lisboa nos últimos cem anos: o legal e o marginal (quatro excursões, sob a responsabilidade de JORGE GASPAS, JOÃO FERRÃO, DIOGO ABBREU e LUCINDA FONSECA). No dia 15, decorreram as reuniões plenárias: de manhã, sobre «O Ensino da Geografia», e, de tarde, sobre «A Geografia e as Outras Ciências», sendo relatores, respectivamente, J. M. CASAS TORRES e J. GARCÍA FERNÁNDEZ; seguiu-se ainda a lição de encerramento, por J. VILÁ VALENTÍ, subordinada ao tema «A Geografia Ibérica: Tendências, Resultados e Problemas». Na manhã do dia 15, foi também projectado um filme sobre a erupção do vulcão dos Capelinhos, em 1957-58, na ilha do Faial (Açores), com comentários de ORLANDO RIBEIRO. Finalmente, nos dias 16 e 17, realizaram-se três excursões, a Sintra e à Arrábida (direcção científica de ORLANDO RIBEIRO, CARMINDA CAVACO e ANTÓNIO DE BRUM FERREIRA), ao Baixo Tejo e Região de Évora (JORGE GASPAS) e à Extremidade Ocidental da Cordilheira Central e Maciço Calcáreo Estremenho (SUZANNE DAVEAU). Durante toda a semana do Colóquio, decorreu ainda uma exposição de Cartografia e publicações de Geografia.

Apresentaram-se 48 comunicações, assim distribuídas: Ensino Básico e Secundário, 9; Ensino Superior, 4; Geografia e Ciências da Natureza, 14; Geografia e Ciências Humanas e Sociais, 12; Pensamento Geográfico, 9. Os temas foram bastante variados. A primeira secção atraiu naturalmente grande parte dos professores de Geografia do ensino secundário que, como se disse atrás, estiveram muito representados no Colóquio. A segunda, com menor participação, teve a feição de mesa-redonda e a possibilidade de debate mais generalizado dos problemas; os dois orientadores fizeram também exposições sobre o ensino universitário em Espanha e em Portugal. As terceira e quarta secções, muito sobrecarregadas pelo número de trabalhos que suscitaram, foram em grande parte preenchidas pela apresentação das comunicações, o que não impediu que, a propósito de algumas delas, se estabelecesse viva e frutuosa discussão; em muitos casos, conforme ficou já indicado, os autores preferiram dedicar-se ao estudo de determinados exemplos concretos. É curioso apontar que a secção «Pensamento Geográfico», na qual ambos os orientadores expuseram desenvolvidamente as suas ideias sobre o assunto, contou apenas com uma comunicação portuguesa. Menor pendor para estes temas especulativos? Aparentemente não, se atendermos à elevada e interessada participação de geógrafos portugueses nas respectivas sessões. De resto, no total de 48 comunicações, as portuguesas não foram além de 19, sendo duas de não geógrafos e repartindo-se a maioria das restantes por investigadores ligados às universidades: 5 a

(2) Esta, que contou com a presença do Reitor da Universidade de Lisboa e do Presidente do INIC, foi preenchida com uma alocução de ORLANDO RIBEIRO, como Presidente da Comissão Organizadora do Colóquio; estava prevista uma lição sobre «Portugal na Península Ibérica», por ALFREDO FERNANDES MARTINS, professor da Universidade de Coimbra, a quem não foi possível deslocar-se a Lisboa.

Lisboa, 4 ao Porto (1, em colaboração), 3 a Coimbra, 1 a Évora e 1 à Escola Superior de Belas Artes de Lisboa. O grande número de comunicações não permite a indicação dos seus títulos na presente notícia.

Em síntese, os dois primeiros colóquios ibéricos de Geografia tiveram, antes de mais nada, o mérito de encetar reuniões em cujo interesse se afigura dispensável insistir. Apesar de algumas dificuldades, tem sido possível trabalhar utilizando simultaneamente a língua espanhola e a portuguesa; foi, em parte, para obviar aquelas, que se decidiu designar no II Colóquio dois geógrafos, um de cada nacionalidade, como orientadores das várias secções. A série de comunicações apresentadas nos dois anos e as outras intervenções, com saliência para as lições de encerramento, constituem um conjunto de trabalhos científicos de inegável valor. Poderá observar-se que ambos os colóquios se terão talvez ressentido do escasso tempo de preparação que lhes coube e de certo desequilíbrio nos temas, com insuficiente relevância da Geografia física. Por outro lado, enquanto em Lisboa o sistema de livre aceitação das comunicações conduziu, necessariamente, a um nível de qualidade desigual, algumas das contribuições apresentadas em Salamanca assumiram a feição já aludida — cuja importância, aliás, não se nega — de síntese ou balanço de estudos realizados anteriormente, mais que a de investigações originais. Mas o imperativo de arrancar com a iniciativa justifica amplamente o encurtamento dos prazos e, além dos trabalhos que foi possível reunir, o êxito dos colóquios residiu também nos contactos que permitiram estabelecer, no enriquecimento resultante das discussões e trocas de ideias, na experiência frutuosa dos trabalhos de campo. Impõe-se agora assegurar a continuidade destas reuniões, o que se concretizará com a realização, em Barcelona, no mês de Outubro de 1982, do III Colóquio Ibérico de Geografia, em relação ao qual se desejam — e se prevêem — os melhores resultados.

CARLOS ALBERTO MEDEIROS